



Os *soviets* na Revolução Russa: um balanço da experiência de 1905 e 1917

The soviets in the russian revolution: a balance of the experiences of 1905 and 1917

Mirele Hashimoto SIQUEIRA*

Resumo: O presente artigo traz como objeto de investigação os *soviets*, com a finalidade de lançar considerações acerca de sua constituição durante a primeira (1905) e a segunda (1917) Revolução Russa. Para tanto, partiu-se da seguinte inquietação: quais as características que particularizam os *soviets* de 1905 e de 1917 no curso da Revolução Russa?. O despertar da temática se fez pela própria recordação aos 100 anos de seu acontecimento e da atualidade expressa pelo processo: a construção de uma nova ordem social em alternativa a sociedade burguesa moderna. Para viabilizar o processo de investigação, utilizou-se de pesquisa bibliográfica e qualitativa. As principais inferências obtidas foram de que apesar dos *soviets* de 1905 e de 1917 apresentarem particularidades, ambos não estão desarticulados entre si; ao contrário, a ascensão do primeiro é a própria condição que fez emergir o segundo.

Palavras-chave: *Soviets*. Revolução Russa. Lênin.

Abstract: This article aims to investigate the *Soviets*, to consider their make-up during the first (1905) and the second (1917) Russian Revolution. To this end, the following question was posed: What are the characteristics that differentiated the *Soviets* of 1905 and 1917 in the course of the Russian Revolution? What awoke the theme was the recollection of the 100 years since its occurrence and of the current situation expressed by the process: the construction of a new social order as an alternative to modern bourgeois society. To make the research process viable, bibliographical and qualitative research was used. The main inferences obtained were, that although the *soviets* of 1905 and 1917 present particularities, neither is disjointed from the other; on the contrary, the rise of the first is the very condition that gave rise to the second.


Keywords: *Soviets*. Russian revolution. Lenin.

Submetido em: 15/4/2018. Aceito em: 20/2/2019.

INTRODUÇÃO

A Revolução Russa é ainda um processo histórico de grande envergadura desenvolvida na história, tendo em vista que a organização da classe trabalhadora num contexto de guerra mundial chamou a atenção do mundo. Trazer à baila a discussão dos *soviets* é

* Assistente Social. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (PPGSS) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), *campus* de Toledo. Docente colaboradora do curso de Serviço Social da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *campus* de Toledo. Rua da Faculdade, 645, Jardim La Salle, Toledo (PR). ORC ID: <<https://orcid.org/0000-0002-9934-7121>>. E-mail: <mirelehashimoto@hotmail.com>.

 © A(s) Autora(s)/O(s) Autor(es). 2019 **Acesso Aberto** Esta obra está licenciada sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR), que permite copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato, bem como adaptar, transformar e criar a partir deste material para qualquer fim, mesmo que comercial. O licenciante não pode revogar estes direitos desde que você respeite os termos da licença.

possibilidade que se abre para apreender o seu próprio processo e vislumbrar na experiência dos conselhos uma forma de organização de classe destinada a combater a autocracia do *czar* e a incapacidade revolucionária da burguesia liberal russa: é, portanto, caminho aberto para assimilar as particularidades apresentadas pela Rússia durante aquele período histórico de *transição*. Para tanto, o protagonismo de Lênin e do Partido Bolchevique deve, necessariamente, ser levado em conta para captar este processo; a capacidade de se analisar de maneira concreta a situação concreta é o que lhe conferiu adequar a sua tática revolucionária às condições objetivas do processo histórico. Esta foi a sua feita: analisar atentamente para o movimento real, reproduzi-lo no plano ideal e retorná-lo novamente – e agora, enriquecido – para a materialidade concreta (a realidade). As inferências desenvolvidas em 1905 e, posteriormente, em 1917, demarcam este suposto na medida em que a própria forma de incorporar os *soviets* na tática traçada se modifica durante todo o processo: se atenta pelo movimento do real e a partir dele, se dinamiza.

Isto posto, para atingir o objetivo pretendido, dividimos a organização do presente artigo em duas sessões a fim de facilitar a exposição das ideias: 1) a primeira trará para o centro da discussão a ascensão dos *soviets* de 1905, cotejando-o com o contexto histórico da Rússia, antes de sua entrada na guerra mundial, e a relação que os *conselhos* manterão com as diversas posturas assumidas pelas frações no centro do Partido Social-Democrata Operário Russo (POSDR) e; 2) a segunda investigará a segunda ascensão dos *soviets* com vista a apreender as suas características e estabelecer um balanço com a experiência precedente (1905). Enquanto os *soviets* da primeira ascensão estavam inseridos num contexto de guerra mundial não declarada e sob a vigência da ordem dos *czares*, 1917 é exatamente o seu oposto: da guerra mundial iniciada em geral se ascendeu o estopim para o início da própria guerra civil. Era o verdadeiro governo proletário impondo a sua organização.

1 1905 E A PRIMEIRA ASCENSÃO: AS GREVES POLÍTICAS DE MASSA E OS SOVIETS

Tratar da ascensão dos *soviets* de 1905 exige, de imediato, caracterizar, de maneira sumária, a organização econômica e política da Rússia no início da década. A Rússia, diferente dos países de *transição clássica* (a exemplo da França e da Inglaterra), não se caracterizou por uma transição levada a cabo pela burguesia revolucionária, uma vez que o capitalismo foi introduzido por intermédio do Estado feudal e absolutista do *czar*. A característica revolucionária que se fez presente nos países de *transição clássica* não era visualizada na Rússia. É assim que, politicamente, o país permanecia dominado por uma ordem *czarista* de divisão entre senhores e servos. Economicamente, era um país agrário e, em geral, habitado pela *maioria camponesa* (SERGE, 1993).

O início do processo de introdução do capitalismo e de constituição da proletarização dos próprios camponeses se deu a partir de 1861, com a Reforma Emancipatória, que estabeleceu a libertação dos servos e a divisão de terras entre os seus pares. Ora, se a Reforma Emancipatória possibilitou a pretensa distribuição de terras aos servos – anulando as suas relações com seu senhor –, por que ela haveria de arruinar os próprios camponeses?

Lênin (1982), em *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*, nos fornece um riquíssimo material para responder esta questão, donde desenvolve o fundamento de que, a própria Reforma Emancipatória, só fez, em realidade, piorar as condições de vida dos camponeses.

Com a Reforma, as terras destinadas a sua distribuição se reduziram àquelas de caráter improdutivo; outrossim, a ausência de instrumentos de trabalho para explorá-la levou o campesinato a ter de arrendá-la para sobreviver. 1861 significou o início da grande segregação entre os grandes proprietários com terras concentradas (burguesia rural) e aqueles que não dispunham de terras férteis e meios para usufruí-la. É nesse sentido que, a falência do campesinato levou a sua crescente *proletarização*, substituindo o *trabalho servil* pelo *trabalho assalariado*.

É, pois, neste quadro particular de *transição* da Rússia que desde o final da década de 1800 e início de 1900, grandes greves já se espraiavam pelo país. As reivindicações eram notáveis. Pela organização *czarista*, nada era reconhecido para aliviar as péssimas condições de vida e de trabalho dos camponeses e dos proletários. Além disso, a opressão do *czar* se fazia sentir em face de todas e quaisquer reivindicações.

O estopim da guerra russo-japonesa, em 1914, foi à pedra de toque que contribuiu com a oposição ao absolutismo do *czar*. *O prólogo de 1917 acabou por eclodir em 9 de janeiro de 1905*, quando a marcha em direção ao Palácio de Inverno, em São Petersburgo – que tinha por objetivo entregar ao *czar* Nicolau II uma petição de reivindicações com assinaturas coletadas por milhares de trabalhadores – foi contida. Dentre as pautas exigidas estavam: “[...] liberdade de imprensa falada e escrita, liberdade de associação sindical, direito de greve, expropriação dos grandes latifundiários em benefício das comunidades camponesas, convocação de uma Assembléia Constituinte, instrução gratuita e obrigatória, 8 horas de jornada de trabalho” (TRAGTENBERG, 2007, p. 81). Tal episódio, que ficou conhecido como Domingo Sangrento, se findou na história da país porque as reivindicações não foram atendidas, pelo contrário, a marcha foi duramente reprimida e esmagada pelas tropas do *czar*. É neste contexto de dura repressão aos próprios manifestantes que os primeiros *soviets* se organizaram com o objetivo de planejar as grandes greves que passaram a emergir no país, tomando cerca de 122 cidades e 10 linhas ferroviárias.

Os *soviets* eram compostos por uma assembléia de deputados, com mandatos revogáveis, eleitos a partir do centro da fábrica. Com o objetivo de colocar em movimento as tarefas decididas e votadas na assembléia, formou-se um Comitê Executivo, também responsável pela *direção* do *soviet*. Os *soviets* dirigiam as reunião dos trabalhadores e *dentro de sua luta econômica* parecia emergir uma *luta política* em que o clamor pela Assembléia Constituinte já era levantado – ainda que esta reivindicação significasse a luta pelo reconhecimento de liberdades democráticas burguesas.

Em outubro de 1905, uma nova onda de greve – mais intensa e mais abrangente – tomou conta de Petersburgo. A greve dos tipógrafos foi seguida da dos ferroviários e dos correios. As suas reivindicações também traziam *de dentro* a luta política, exigindo a constituição de uma Assembléia Constituinte com voto geral, igual, direto e secreto. É neste contexto que se observa a ascensão do Conselho dos Deputados Trabalhadores de Petersburgo. O *soviet* pretendia se converter no principal *centro do movimento revolucionário do proletariado russo*, sendo formado pelos delegados de cada fábrica, representados no Comitê Geral (ANWEILER, 1975).

Devido à ausência de uma organização de classe na Rússia do *czar*, a organização dos *soviets* foi uma possibilidade de agrupar as massas operárias e reivindicar as suas lutas. O seu objetivo era unificar as reivindicações do proletariado russo, discutindo nas assembleias públicas seus assuntos coletivos e elegendo os seus representantes. Os *soviets* se constituíam a partir das fábricas, dado que era o *locus* direto da vida do trabalhador e onde se experimentava o próprio antagonismo de classes. A coletividade da fábrica permitia a existência de uma organização cuja participação dos operários se tornava ativa, pois tratava de incluir a possibilidade do direito do voto e à revogação para seus representantes. O operário se sentia *partícipe* do processo de constituição do *soviet*. A organização na forma do partido político não permitia esta condição, haja vista que sobrevivia na existência ilegal no regime russo. Os *soviets* permitiram a operacionalização de uma democracia em contraste com a intensa rigidez da estrutura *czarista*. Se não foram construídos com a finalidade primeira de tomar o poder político, mas pela necessidade de organizar as pautas econômicas dos operários, não deixou de exercer àquela função, isto é, a organização da *luta política* em direção à transformação da ordem dos *czares*. A natureza da Revolução de 1905 foi justamente a de imbricação entre luta pelos interesses da classe operária na fábrica e luta pelo interesse de transformação revolucionária (ainda que pela *transformação burguesa*). Eis que os *soviets* expressam uma dupla condição: 1) de transformação econômica e política e; 2) de instauração de um duplo poder: a democracia radical e operária dos *soviets* entrava em oposição com o poder absolutista do *czar* (ANWEILER, 1975).

Da experiência dos *soviets* de 1905 é que se pode extrair as distintas posições assumidas pelos bolcheviques e mencheviques. O Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR) já havia sido fundado em 1898 e demarcava forte oposição aos populistas. A relação entre populistas e marxistas na Rússia da época era o ambiente intelectual que caracterizou o país. Os populistas, depositando no campesinato a condição de classe social protagonista da revolução para a *transição*, acreditavam que, devido às particularidades do país, seria possível realizar a *transição direta ao comunismo*, sem se passar pela consolidação primeira da própria ordem burguesa. Seu raciocínio obedecia ao seguinte esquema: a revolução burguesa ainda não havia sido implementada na Rússia e caso fosse, haveria de instaurar uma ordem social baseada na exploração do trabalho. Assim é que desenvolviam àquele trabalho de ir até os camponeses e convencê-los sobre a necessidade de se passar para a ordem direta da sociedade comunista. Os populistas se inseriam na esteira de um *socialismo camponês*. Com a desintegração de seus pares e de seus grupos, passarão a compor o Partido Socialista-Revolucionário (que exercerá grande influência na Revolução de 1917).

Em oposição ao esquema populista, os marxistas argumentavam sobre a necessidade de se consolidar a sociedade capitalista para a posterior instauração do comunismo. Devia-se, nesta esteira, obedecer ao seguinte trinômio: *feudalismo-capitalismo-comunismo*. Assim é que, no interior do POSDR, três perspectivas distintas passaram a emergir e a segregar o partido:

1) a primeira perspectiva era defendida pelos mencheviques. Para eles, a revolução na Rússia seria de *caráter burguês* e liderada pela burguesia liberal (assim como já havia se sucedido nos países clássicos). Depois de um longo período de consolidação da ordem burguesa moderna, caberia ao POSDR fazer a oposição;

2) a segunda perspectiva era defendida por Lênin e pelos bolcheviques. É na obra *Duas táticas da Social-Democracia na Revolução Democrática* que Lênin explicitará seu ponto de partida para a revolução na Rússia. Nela, Lênin (1979b) aponta que a revolução no país

também deveria ser de *caráter burguês*, mas o guardião de sua própria cabeça seria outro: a aliança operária-camponesa. O caráter burguês da revolução a ser operada pela aliança operária-camponesa já indicava que a burguesia liberal russa não era revolucionária, ao contrário: tende a harmonizar a relação entre o *czar* e o povo, dado que é desta harmonização que depende a sua própria garantia e concentração de forças. *Vê-se, pois, que a burguesia liberal russa é a própria sócia do absolutismo no país.* Por comportar esta característica é que a revolução na Rússia não pode ser encabeçada pela burguesia liberal: ela é demasiadamente covarde. Outrossim, se a burguesia liberal levasse a cabo a revolução, se empenharia em realizar uma *revolução democrática* e não uma *revolução socialista*. Assim é que Lênin aposta na aliança operário-camponesa, considerando que o campesinato tinha um espírito revolucionário maior do que a própria burguesia liberal russa. O campesinato é quem luta mais veementemente pela revolução democrática: está interessado em se auto libertar da exploração feudal e, por esse motivo, é que é mais radical que a própria burguesia. O campesinato aceleraria a revolução democrática (a revolução burguesa). Em aliança com ele, caberia ao proletariado levar até o fim a revolução democrática, atraindo-o para empreender a revolução socialista. Lênin indicava que a persistência dos mencheviques na feita da revolução burguesa liderada pela burguesia acabava por denunciar sua luta pelo apogeu máximo da revolução democrática; e

3) a terceira perspectiva é aquela defendida por Trotsky. Por ter sido o grande líder e dirigente do *soviet* de Deputados Trabalhadores de Petersburgo e o único que depositava grande importância em seu papel em 1905, acreditava que era necessário se passar diretamente para a fase da *revolução socialista*, com o protagonismo do proletariado.

Em nossa opinião a revolução russa criará as condições sob as quais o poder pode passar as mãos do proletariado (e, em caso da vitória da revolução, assim tinha que ser) antes que os políticos do liberalismo burguês tenham a oportunidade de mostrar plenamente a prova seu talento para governar (TROTSKY, 1971, p. 39, tradução nossa).

A aposta de Trotsky era, portanto, na *revolução permanente*: a revolução ininterrupta entre a derrota do absolutismo e a revolução socialista. São com as três perspectivas, acima apontadas, que os *soviets* também serão visualizados e interpretados, desde sua primeira ascensão, em 1905. Apesar dos *soviets* terem se constituído de modo espontâneo e de fora da relação com o próprio POSDR, bolcheviques e mencheviques participaram de suas dinâmicas internas.

O *soviet* de Moscou recebeu grande influência dos bolcheviques e o *soviet* de Petersburgo dos mencheviques (embora representantes bolcheviques e mencheviques estivessem internamente representados em Moscou e em Petersburgo). Para os mencheviques, os *soviets* se identificavam com a ideia de autogestão revolucionária. Na autogestão estaria implícita a ideia de reuniões gerais de toda a Rússia, elegendo seus deputados para influir no parlamento (Duma). Sua finalidade era desestruturar o aparelho burocrático *czarista* (o Estado absolutista) através de medidas democráticas, conquistadas por intermédio das concessões constitucionais. É desta maneira que a autogestão revolucionária permitiria liquidar a autocracia do *czar*, organizando os *soviets* para pressionar sob as conquistas reivindicadas pelos trabalhadores. Verificamos que o fundamento menchevique acerca dos *soviets* se limitava a derrocada do *czar*, sem – por outro lado – estender o seu programa ao *governo proletário*. A aposta dos mencheviques era na organização daqueles operários que o partido

não conseguia alcançar (na forma dos *soviets*) para, posteriormente, captá-los ao partido, formando um grande partido de massas aberto e democrático.

Lênin, em 1905, ainda não atribuía caráter fundamental aos *soviets*. No calor do momento de ascensão dos *soviets*, Lênin e os bolcheviques os tomarão como órgãos que não poderiam substituir o *lugar* do partido. É neste momento que os *soviets* são vislumbrados, pelos bolcheviques, apenas como o mecanismo para a conquista de objetivos econômicos imediatos. A defesa de Lênin era de que os *soviets* não poderiam se situar acima do partido, pois o partido era o verdadeiro legatário da direção revolucionária. Três tarefas competiam ao partido frente aos *soviets*: 1) limitar os *soviets* as tarefas sindicais; 2) se os *soviets* ultrapassassem os limites das tarefas sindicais, caberia ao partido impor a sua subordinação ao próprio partido social-democrata; 3) após a sua subordinação, caberia a sua própria dissolução, dado que a existência do partido era suficiente para dirigir as massas e a própria revolução. Os *soviets* para Lênin, em 1905, adquiriam um caráter *transitório*, ou seja, deveria se limitar as tarefas sindicais e caso a ultrapassasse, deveria ser cooptado e absorvido pelo partido. Ao contrário dos mencheviques, os *soviets* não eram tomados como órgãos capazes de desestruturar o *czarismo*, pois o único órgão capaz de empreender essa feita seria o partido. A perspectiva de Lênin em torno dos *soviets* passa a se modificar pós-1905, isto é, entre 1905-1907 se observa uma metamorfose em sua concepção.

O artigo intitulado *Nossas Tarefas e o Soviet de Deputados Trabalhadores*, de novembro de 1905, é a primeira redação de Lênin tocando diretamente na temática dos conselhos. Nele, Lênin acreditava que não caberia mais contrapor os *soviets* ao partido, mas, antes, incluir tanto os *soviets*, quanto o partido na própria tática revolucionária. Passava a partir de então a visualizar nos *soviets* a possibilidade de se constituírem como órgãos de levantamento contra o próprio *czar*. Os *soviets* seriam o germe do governo provisório revolucionário: o órgão de levantamento capaz de derrocar o *czar* e instaurar o governo burguês. A dissolução dos *soviets* de 1905 havia demonstrado que a consciência de classe do proletariado ainda precisava ser desenvolvida. Ao partido caberia –exatamente – desenvolvê-la através de seu trabalho de *educação política*. É por esse motivo que partido e *soviets* não se excluía mutuamente; os *soviets* precisavam do partido para desenvolver os seus elementos conscientes. A aposta de Lênin pós-1905 (e, mais exatamente, entre 1905-1907) era, portanto, a própria imbricação *soviets*-partido para o desenvolvimento da consciência de classe das massas para a luta política. Assim é que, para a luta contra o *czar*, Lênin admitia a incorporação de todos os partidos de esquerda no corpo dos *soviets*, ou seja, os partidos opositores deveriam se unir para a derrocada comum do *czarismo*. O novo governo (em substituição ao *czar*) deveria ser encabeçado pela coalização das esquerdas. A importância atribuída aos *soviets* repousava sobre o fato de se constituírem em canais do partido dentro da massa. É através deste canal do partido que se tornava possível desenvolver o trabalho de consciência. Somente após fevereiro de 1917 é que Lênin passa a incorporar os *soviets* como o próprio projeto do governo proletário, assemelhando-os ao Estado de tipo Comuna (ANWELIER, 1975), como veremos na sequência.

2 1917 E A SEGUNDA ASCENSÃO: O ESTADO-COMUNA E OS SOVIETS

Se vimos que os *soviets* surgidos durante 1905 estiveram diretamente ligados a sufocação das aspirações dos trabalhadores em face da crise política e econômica da Rússia dos *czares*, em

1917 podemos observar os mesmos elementos presentes em 1905, mas, desta vez, intensificados, tendo em vista que as condições de vida e trabalho das massas não foram resolvidas e/ou aliviadas. Se em 1905, a crise econômica e política foi dada pelo envolvimento na guerra russo-japonesa e pela crescente autocracia do *czar*, em 1917, a nova crise se ascendeu pela participação do país da primeira guerra mundial e pela pretensa continuidade do país no conflito.

A guerra mundial, já denunciava por Lênin (1979a) em *A guerra e a Social-Democracia na Rússia* e por Trotsky (1977) como guerra imperialista pela divisão das partes (dos territórios) do mundo entre as grandes potências, significou grandes perdas para a Rússia: aproximadamente 5,5 milhões entre mortos, feridos e prisioneiros. Ademais do número de perdas, a *Rússia da guerra* enfrentava uma crise econômica e política: a escassez do abastecimento de seus próprios mercados, o elevado custo de vida e a redução dos salários eram as suas resultantes diretas.

A irrupção das greves era a resposta à situação interna do país. O episódio de manifestação observado no Dia Internacional da Mulher fez levar a cabo o início das transformações na Rússia. A Revolução de Fevereiro irrompeu quando, durante a manifestação, o *czar* ordenou o envio de tropas militares para reprimir o movimento. O fim do governo *czarista* foi decretado na medida em que as forças policiais (formada por soldados camponeses, os chamados *cossacos*) não reprimiram a massa; pelo contrário: se solidarizaram e protegeram o próprio movimento. A união dos operários e camponeses, somada ao apoio das forças policiais, redundou na renúncia do *czar* a sua própria coroa. O poder político foi assumido pela Duma que o entregou a um governo provisório composto por liberais (VOLIN, 1980).

É a partir desta contradição (entre a derrubada do *czar* pela massa e a ascensão ao poder da burguesia) que Lênin se atentará em seus escritos de então. Os desdobramentos observados a partir de fevereiro de 1917 (com a manifestação do Dia da Mulher e o apoio dos *cossacos*) e a segunda ascensão dos *soviets* fornecerão os alicerces para a mudança da tática revolucionária de Lênin e a maneira como passará a incorporá-los. Neste período, o revolucionário russo permanecia exilado na Suíça. Somente com a notícia da queda do *czar* é que retornou ao país. Em solo russo, em abril de 1917, redigirá o documento que expressará a grande guinada em sua maneira de incorporar os *soviets*: *As teses de Abril*. Nelas, Lênin (1979c), se preocupa em indagar a respeito da passagem da revolução democrático-burguesa para a revolução socialista. Ora, se na Rússia foi o movimento dos operários que levou a deposição do *czar*, quem assumiu o poder foi a burguesia e os latifundiários – investidos da aparência do governo provisório –, com Lvov a frente. O poder *escapou às mãos* dos próprios trabalhadores para ser transferido para a própria burguesia: as promessas do governo provisório burguês, como a Assembleia Constituinte, ficaram presas ao *campo do futuro*. Não se podia apoiar o poder instituído, dado que pretendia continuar a *guerra imperialista* e manter presas as *conquistas na esfera política*. Lênin aprofundou esta questão em *As tarefas do proletariado na nossa revolução*, de 1917. Se o poder político tinha sido apossado pela burguesia e por latifundiários aburguesados, estava dada a prova de que a revolução democrática-burguesa havia chegado ao fim. A política externa do governo provisório era a continuação da guerra imperialista em aliança com as potências imperialistas. Este tipo de governo instaurado não correspondia àquele pretendido com e pela revolução socialista. Por

esse motivo é que na Rússia, podia-se observar a constatação de *dois governos*: o governo provisório (burguês) e os *soviets* (LÊNIN, 1981).

Os *soviets*, que ascenderam durante a Revolução de 1905, reaparecerão à cena em 1917. O Conselho dos Deputados Trabalhadores de Petersburgo se organizou a partir de fevereiro daquele ano, no curso da Revolução. O *soviet* de Petersburgo foi, inicialmente, tomado pela influência dos mencheviques e dos socialistas-revolucionários. Grande parte dos bolcheviques estava exilada, o que impediu a sua imersão imediata no movimento. Os mencheviques e os socialistas-revolucionários, como partidários aliados à burguesia, tomavam a revolução (a *revolução burguesa*) como revolução finalizada e, por esta razão, bastava apenas a sua consolidação pela via constitucional. É este caráter burguês que enlaçou o governo provisório instaurado e o *soviet* de Petersburgo. O *soviet*, como já demonstrou Lênin (1981), havia entregado *voluntariamente* o poder à burguesia, ou se assim se quer dizer, ao *governo provisório*. O pressuposto implícito era de que os mencheviques e os socialistas-revolucionários incrustaram os *soviets* de elementos pequeno-burgueses, ao ponto de possibilitar o apoio do *soviet* ao governo provisório (passando *voluntariamente* o poder para a burguesia). A tática do partido deveria, pois, ser de eliminar a influência pequeno-burguesa, expressa, sobretudo, pela manutenção do país na guerra.

A Rússia tinha a sua base erigida a partir de *dois governos*; mas os *dois governos* (as duas ditaduras: a *burguesa* do governo provisório e a *proletária e camponesa* dos *soviets*) não podia ser sustentada por muito tempo. A vitória de uma ou de outra era inevitável: *o país não podia servir a dois senhores*. A ditadura do governo provisório era a ditadura da classe burguesa. Colocar fim a sua guerra só seria possível colocando fim a própria ditadura burguesa. Se ela própria representou o *primeiro passo* para o encerramento da guerra na Rússia (libertando-se do *czar*), o *segundo passo* só poderia ser àquele que resultaria na própria passagem do poder político do Estado ao proletariado (libertando-se da burguesia). Eis a tática atentada por Lênin: conquistar os *soviets*, libertando-os da influência dos mencheviques e socialistas-revolucionários, que só faziam apoiar o governo burguês, por visualizá-los como *governo provisório revolucionário*.

Os *soviets* eram a tradução da ditadura do proletariado e do campesinato; o *arranjo tático* que permitiria a passagem da revolução *democrático-burguesa* (investida do governo provisório) para a *revolução socialista* (iniciada pela ascensão dos *soviets* como o germe do governo provisório revolucionário). Caberia ao partido a contribuição no processo de ascensão dos *soviets* como governo provisório revolucionário, tornando evidente para as massas o caráter imperialista do próprio governo provisório. Se a tática de 1905 dos mencheviques residia no desenvolvimento de uma revolução burguesa moderna, liderada pela burguesia liberal, sem a presença do proletariado (cabendo a ele somente a oposição posterior), em 1917 permanece na esteira da natureza burguesa na medida em que partia na defesa da guerra (da *questão nacional*) dado que acreditava ser a guerra necessária para o desenvolvimento da revolução burguesa-democrática e consolidação do próprio capitalismo. Lembre-se de que para esta fração, o socialismo seria precedido de um longo processo de expansão do capitalismo. Os bolcheviques, ao contrário, pretendiam o fim da guerra imperialista por tomar a sua defesa como uma aliança com a própria burguesia interna: a sua posição era fazer daquela revolução democrático-burguesa uma revolução socialista. Assim é que, se em 1905, os mencheviques compreendiam os *soviets* como os órgãos de poder para influir na Duma, através de medidas

democráticas, e derrubar o *czarismo*; agora, em 1917, com o governo provisório burguês instituído, se voltaram para a defesa e para a consolidação das próprias garantias democráticas do proletariado, sem ultrapassar os limites da nova ordem burguesa estabelecida. Para os bolcheviques, se na sequência da derrota de 1905, os *soviets* se constituíam em órgãos capazes de se colocar na direção de derrocada do *czarismo*; em 1917, com o governo provisório burguês instituído, serão apontados como os órgãos do governo proletário em contraste com o poderio político da própria burguesia instaurado. Enquanto um é a defesa do poder burguês, o outro é a defesa do poder proletário (ANWEILER, 1975).

As teses de Abril e *As tarefas do proletariado na nossa revolução*, ambas de 1917, assinalam o momento ápice de Lênin na construção da nova tática para a revolução. O papel dos *soviets* é o que demarca a grande inferência apresentada, isto é, de órgãos destinados à direção do próprio partido para o desenvolvimento da consciência de classe das massas, os *soviets* serão reconhecidos como a alavanca do governo proletário por meio da possibilidade de sua feita expressa: a ditadura do proletariado e do campesinato. Da explicitação de Lênin em relação aos *soviets* se pode, portanto, exprimir três momentos centrais:

1) o de 1905, quando do calor da Revolução, donde os toma como órgãos de luta econômica do proletariado; os *soviets* poderiam organizar as lutas do proletariado, mas jamais se colocar acima do partido; o partido era o dirigente da classe operária (o condutor principal para a luta política);

2) o de 1905-1907, após a derrota da Revolução, atribuindo aos *soviets* aquela função de levantamento contra o regime *czarista* a partir de sua organização (desenvolvida pelo partido, dado que seu fracasso de 1905 também residiu – em grande medida – pelo incipiente desenvolvimento da consciência de classe) e;

3) o de 1917, período já dado pela renúncia do *czar* e pela instituição do governo provisório burguês, donde Lênin passa a tomar os *soviets* como órgãos de “contra poder”; eram os organismos que possibilitariam a instituição de um governo provisório revolucionário, dando início a verdadeira revolução socialista. É daí que ordena a palavra de ordem *Todo poder aos soviets!*, sintetizando a sua tática revolucionária naquele período histórico e, ao mesmo tempo, específico.

Nas *Tarefas do proletariado na nossa revolução*, Lênin já tratava de aproximar os *soviets* à Comuna de Paris: a Comuna não foi à implantação direta e vertical do socialismo, mas àquele tipo mais aperfeiçoado de Estado. Os *soviets* são a expressão do Estado inaugurado pela Comuna: um Estado que não se confundia com a república democrática burguesa, isto é, com os seus aparelhos de dominação (exército, polícia, instituições), mas com a radicalidade democrática do proletariado (a gestão do aparelho burocrático do Estado pelos trabalhadores, extinção da polícia, etc.). Os *soviets*, como Estado de tipo Comuna, representava o verdadeiro tripé de *paz, terra e pão*. A ditadura do proletariado e do campesinato implementado por aqueles *soviets*-Comuna deveria pôr fim a guerra imperialista de rapina; promover a nacionalização das terras e; garantir o pão para todos. Os *soviets* deveriam ser o único poder dentro do Estado para, posteriormente, liquidar o próprio Estado (LÊNIN, 1981).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensaio geral de 1905 forneceu o terreno para eclodir o de 1917. É certo que de fevereiro a outubro de 1917 importantes coalizões se formarão para encabeçar o governo provisório burguês até sua tomada pelos bolcheviques em 25 de outubro de 1917. Entre este período (as jornadas de abril, as jornadas de julho e a tentativa de Kornilov de esmagar a *Petersburgo bolchevista*) é que Lênin continuará a observar o movimento do real e a adequar constantemente a sua tática. O que importa assinalar no presente artigo é um possível balanço dos *soviets* de 1905 e 1917, abarcando o período anterior a própria eclosão da revolução de outubro de 1917. Para tanto, algumas considerações podem ser assinaladas para demonstrar um balanço das referidas experiências.

Em *primeiro lugar*, é preciso atentar para a própria *natureza* do *soviet* de 1905 e 1917. Em 1905, os *soviets* emergiram para organizar as greves políticas de massa. Esta inferência assinala que a sua *natureza* nasceu do campo *diretamente econômico*, embora trouxesse consigo reivindicações do campo político. Os *soviets* de 1905 representavam as próprias massas em luta. Em 1917, o que se observa é a sua ascensão a partir do *campo político*. Apesar de em 1905, demarcar a posição na luta contra o *czar*, a sua centralidade recaia na organização dos trabalhadores para influir nas condições de trabalho. Em 1917, a sua ascensão é – por seu turno – *diretamente política*, o que não significa afirmar que desconsiderava a luta econômica, pelo contrário: o estabelecimento do duplo poder na Rússia evidenciava que sua luta se inscrevia para além das conquistas econômicas (embora também a incluísse), mas na esteira de um verdadeiro governo que levasse a cabo um governo proletário – ainda que a influência inicial dos *soviets* fosse dada pelos partidários mencheviques e socialistas-revolucionários. Em outubro de 1917 os *soviets* se ascenderão como o germe do próprio poderio político na Rússia.

Em *segundo lugar*, se em 1905, o contraste dos *soviets* era dado pela oposição de um órgão proletário em relação ao poder do *czar*, a dualidade de poderes, observada em 1917, é àquela personificada pelas duas classes fundamentais da sociedade burguesa moderna: a burguesia e o proletariado. Em fevereiro de 1917, a Rússia ingressou no antagonismo de classe da *essência* própria do modo de produção capitalista: o governo provisório (investido da burguesia) e os *soviets* (investido do proletariado). Se em 1905, a dualidade *czar/soviets* – relação da qual a burguesia se escondia às espreitas do próprio *czar* – era o seu próprio núcleo, em 1917 a dualidade de poderes finalmente pôde se investir de sua face verdadeira: burguesia/proletariado, isto é: governo provisório/*soviets*.

Em *terceiro lugar*, a espontaneidade com que os *soviets* de 1905 foram criados, não está na base de 1917. Em 1905, os *soviets* foram erigidos a partir do núcleo dos trabalhadores – ainda que recebesse a influência posterior dos partidos políticos. Em 1917 – pelo contrário – a base para a sua reorganização se deu a partir de dirigentes políticos que, após a derrocada do *czar*, pretendiam criar um *subgoverno de reserva*. É aí que recebeu direta e verticalmente a influência da intelectualidade socialista (ANWEILEIR, 1975). Trotsky (1977) nos indica, inclusive, que da mesma maneira que a burguesia já estava articulando, desde 1916, um novo governo para o caso da queda do *czar*, os intelectuais também estavam preparando o Comitê Executivo do *soviet* que tornaria a se ascender. É da composição arbitrária do Comitê – no sentido de que os seus membros não foram eleitos por votação, mas antes aprovado após a *indicação* de sua própria *composição formatada* – que se torna possível evidenciar a presença

daquela intelectualidade desde a base de sua segunda ascensão. A predominância dos mencheviques e socialistas-revolucionários no *soviet* de 1917 (e a influência pequeno-burguesa) implicou na composição do Comitê Executivo formado por 42 membros, dentre os quais observava-se a presença de 7 operários. Da influência inicial do *soviet* pelos mencheviques e pelos socialistas-revolucionários se tentou estabelecer uma espécie de *continuação da política* (burguesa) do governo provisório burguês em seu próprio núcleo. Isto é: podia-se vislumbrar àquela tentativa de enxertar nos *soviets* a luta pela manutenção do poderio político burguês – expresso na guerra e sua continuidade, e na afirmação de seu governo em contraposição aos bolcheviques. Se os bolcheviques conquistarem posteriormente, através de seu trabalho de esclarecimento, a maioria dos *soviets*, esta inferência não altera o próprio pressuposto apresentado: ainda que a direção dada pelos mencheviques e socialistas-revolucionários e pelos bolcheviques sejam distintas (a primeira na esfera de legitimação do governo provisório burguês e a segunda em oposição a ela – através da necessidade de um governo provisório revolucionário), os dirigentes políticos exerceram um forte domínio no interior dos *soviets*.

Em *quarto lugar*, se a composição dos *soviets* de 1905 foi formada, em sua grande maioria, por operários; os *soviets* de 1917, assistiram a inauguração da presença de soldados em sua própria composição. As tropas sublevadas daquela Revolução de Fevereiro de 1917 passaram a compor o seu interior e se constituíram em ponto forte para a Revolução de Outubro, dado que asseguraram a formação de um exército próprio disposto aos trabalhadores (ANWEILER, 1975).

É, pois, deste possível balanço das experiências históricas de 1905 e de 1917 que também se pode extrair uma inferência central: a atualidade dos *soviets* repousa na tarefa histórica ainda a ser implementada pela classe trabalhadora um século depois: a construção de uma nova ordem social em alternativa a exploração do trabalho pelo capital. A atualidade da *transição* sintetiza, portanto, todas as exigências atuais e impõe a análise concreta da situação concreta (como já demonstrava Lênin, em seu tempo) para adequar corretamente a tática para o caminho revolucionário. Observar e interpretar o real para possibilitar a atualidade da *transição*: eis o que nos lembra Lênin, eis o que nos remete os *soviets*.

REFERÊNCIAS

ANWEILER, Oskar. **Los soviets en Rusia (1905-1921)**. Madrid: Zero, 1975.

LÊNIN, Vladimir Ilich. **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia: o processo de formação interno para a grande indústria**. Tradução e introdução de José Paulo Netto. São Paulo: Nova Cultural, 1982.

LÊNIN, Vladimir Ilich. Las tareas del proletariado en nuestra revolucion. *In*: LÊNIN, Vladimir. **Obras Escolhidas**. Tomo II. Moscou: Editorial Progreso, 1981. p. 41-73.

LÊNIN, Vladimir Ilich. A guerra e a social-democracia na Rússia. *In*: LÊNIN, Vladimir Ilich. **Obras escolhidas**. Tomo I. São Paulo: Alfa-Omega, 1979a. p. 557-564.

LÊNIN, Vladimir Ilich. Duas táticas da social-democracia na revolução democrática. In: LENIN, Vladimir Ilich. **Obras escolhidas**. Tomo I. São Paulo: Alfa-Omega, 1979b. p. 381-472.

LÊNIN, Vladimir Ilich. **Teses de abril e cartas de longe**. Belo Horizonte: Veja, 1979c.
SERGE, Victor. **O ano I da revolução russa**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ensaio, 1993.

TRAGTENBERG, Maurício. **A revolução russa**. 2. ed. rev. São Paulo: UNESP, 2007.

TROTSKY, Leon. **A histórica da revolução russa**. Primeiro volume. Tradução de Huggins. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

TROTSKY, Leon. **1905: Resultados y perspectivas**. Paris: Ruedo Ibérico, 1971.

VOLIN. **A revolução desconhecida: nascimento, crescimento e triunfo da revolução russa (1825-1917)**. vol. 1. Tradução de Jaime de Almeida. São Paulo: Global, 1980.

Mirele Hashimoto SIQUEIRA

Assistente Social. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (PPGSS) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), *campus* de Toledo. Foi bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) entre os anos de 2017-2018. Atualmente é docente colaboradora do curso de Serviço Social da UNIOESTE, *campus* de Toledo. Membro da Internacional Gramsci Society Brasil (IGS).
